

CAPÍTULO 1

A Casa da Rainha, o Relógio e a Rua dos Beatles



Uma das grandes vantagens de estar de plantão no primeiro horário da escala do dia, durante o verão, era ter a oportunidade de ver o nascer do sol. Já na estrada, com o piloto automático ligado, Têmis seguia para o aeroporto. Aquela aurora trazia a vívida memória do mar azul do Leme, dos vendedores ambulantes oferecendo biscoito de polvilho Globo e Matte Leão, da sensação do corpo salgado depois de um dia ensolarado de praia e, acima de tudo, do sentimento daquela atmosfera tão familiar, que estava, naquele momento, muito longe de sua realidade atual. Agora, vestindo um uniforme de oficial de imigração e com orgulho de ter chegado até ali, ela seguia para seu primeiro dia de trabalho. As longas seis semanas de treinamento tinham acabado e as encenações com atores durante o curso preparatório de oficiais se passariam, a partir de agora, no palco da vida real e sem personagens.

— Bom dia. Eu serei seu supervisor e mentor pelas próximas semanas – disse Balder. – Vamos nos apressar, pois o primeiro voo deste plantão está prestes a aterrissar.

Tudo parecia bem calmo naquele momento. Três oficiais tomavam seus assentos em pontos fixos onde passariam a próxima hora. O chefe de imigração de plantão já tinha tomado seu posto no “aquário”, uma espécie de sala de controle, de onde tudo e

todos eram observados, e onde decisões, por muitas vezes extremamente difíceis, eram tomadas.

- Há quanto tempo você trabalha na área e por que decidiu vir para o aeroporto? – perguntou Balder.
- Entrei para a imigração exercendo a função de auxiliar de vistos há quatro anos, mas achei o trabalho monótono. Afinal de contas, qual a graça em trabalhar com papéis e documentos apenas, não é mesmo? – indagou Têmis. – Depois de um tempo, o processo passa a ser automático. Precisava de mais desafios e, trabalhando aqui com clientes, penso que faria toda a diferença. Imagino que todas as dúvidas acerca do processo possam ser esclarecidas diretamente com os passageiros, em vez de enviarmos cartas para eles solicitando documentos, que era o procedimento adotado durante a consideração de um pedido de visto enviado eletronicamente ou pelo correio.
- Com certeza! – concordou Balder. – Afinal, qual o propósito de recusarmos um passageiro à distância? E, em tempo, não lidamos com clientes aqui. Não prestamos um serviço para eles, mas para o governo britânico! Olhe para o controle de chegada de passageiros. O que você vê?
- Passageiros chegando de férias, vindo a



negócios, visitando familiares – respondeu Têmis com um sorriso nervoso.

- Todos aqui são mentirosos, até que se prove o contrário! – disse Balder, agora com uma expressão mais séria. – Você vê aquele passageiro lá no final do salão? Olhe, ele está preenchendo o cartão de chegada. Observe o comportamento dele. Aquele passageiro será sua primeira recusa, não é animador?
- Como assim, Balder? – retrucou Têmis. – O rapaz não fez nada de errado. Ah, eu não vou recusar a entrada de ninguém sem motivos, hein.
- Não fez nada de errado... ainda! – discordou Balder. – Fique tranquila, não recusamos ninguém sem motivos aqui. Você aprenderá que o diabo mora nos detalhes. Nessa profissão, verá que coisas pequenas fazem toda a diferença. Veja este caso, por exemplo: o passageiro em questão já jogou pelo menos meia dúzia de cartões de chegada na lixeira. Para pessoas “normais”, isso não significaria nada, mas não para nós, ratos da imigração. Ele está nervoso. Espere um momento, não saia daí.

Naquela hora, tudo o que Têmis conseguia pensar era no conforto das decisões que costumava tomar anteriormente, à distância, e sem sofrimento. Se ela recusasse um pedido de visto, aquela pessoa pode-

ria enviar outro, ou recorrer da decisão. Mas e ali? E ali? A área de controle estava agora tomada por passageiros. Os oficiais em suas posições batendo seus carimbos freneticamente, alguns interrogando passageiros, outros aguardando pela assistência de um intérprete que possibilitasse a comunicação entre eles. Enfileiradas, aquelas pessoas traziam em suas bagagens sonhos, desejos, ambições, uma esperança por dias melhores longe de seus países de origem, distantes do lugar que um dia chamaram de lar.

— Aqui está – disse Balder com um ar de satisfação, trazendo o passageiro até a mesa de Têmis. – Fale com ele logo em português, ele não sabe falar inglês mesmo.

— Qual o propósito de sua viagem? – indagou Têmis, olhando para Balder e não concordando muito com a afirmação que ele acabara de fazer.

— Não falo inglês – disse o passageiro.

Balder esboçou um sorrisinho no canto da boca, mas não disse nada.

— Qual o propósito de sua viagem, rapaz? – perguntou Têmis educadamente, agora em português, enquanto examinava o passaporte dele.

— Passear – respondeu ele. – Que legal, você fala português.

Ao verificar o passaporte do passageiro no sistema de controle de imigração e fronteiras, Têmis no-



tou que ele tinha um histórico de imigração adverso. Isso poderia significar muitas coisas, mas, naquele caso, salientava que o rapaz diante daquela oficial de imigração havia tido problemas com uma solicitação de visto anteriormente.

— Pergunta logo a ele se já teve algum visto recusado no passado – disse Balder impaciente-mente, enquanto acabava de ler a mensagem de aviso no sistema. – Você quer apostar que ele vai negar jurando de pés juntos que não sabe do que se trata?

A mensagem dizia que o passageiro tivera uma solicitação de visto de estudante recusada há menos de um mês. Ele, entretanto, não viajava mais com o mesmo passaporte que tinha utilizado no pedido anterior, pois não havia nenhum indício de registro de visto no documento de viagem apresentado por ele. Era costumeiro o oficial escrever à mão o número do pedido de visto na última página do passaporte do requerente e, se o pedido tivesse sido recusado, esse número viria sublinhado.

— Não é possível, Balder – disse Têmis. Ela olhou para o passageiro e continuou com o interrogatório inicial: – Você já teve algum problema em alguma solicitação de vistos para o Reino Unido ou qualquer outro país? – perguntou a oficial ao passageiro.

- Não, nunca – respondeu ele, sem piscar os olhos.
- Pergunta a ele se conhece alguém aqui – disse Balder. – Não preciso nem dizer que já sei a resposta!
- Você conhece alguém aqui? – perguntou Têmis.
- Não, não – assegurou o rapaz. – Vim só tirar uns dias de férias mesmo.
- Mas por que a Inglaterra? – indagou Têmis. – Por que não escolheu outro país? Por exemplo, um cuja língua você falasse?
- Ah, porque aqui é legal e é meu sonho desde criança – respondeu ele. – Sempre sonhei em ver o relógio e a casa da rainha e também aquela rua que os caras do Beatles atravessaram.
- Manda esse sujeito se sentar, por favor – disse Balder. – Com o tempo, você vai ver que o visitante que não está dizendo a verdade se enquadra geralmente nesse perfil. Para começar, o indivíduo não sabe nada sobre o destino. Se é o sonho dele desde criança, poderíamos esperar que, no mínimo, ele soubesse que o relógio se chama Big Ben, a casa da rainha não é uma casa e se chama Buckingham Palace e a rua da porra dos Beatles se chama Abbey Road.
- Calma, Balder – pediu Têmis tentando apaziguar a situação. – Isso não faz dele um



mentiroso, não é? Você não deu a ele nem uma chance de se defender.

- Têmis, infelizmente, você ainda se decepcionará muito com o ser humano – afirmou Balder. – O mundo da perfeição que você conhece, na realidade, não existe. Depois que comecei a trabalhar aqui desconfio até da minha própria sombra. Você começará a entender isso até o final deste plantão, pelo menos eu espero! Verá que existirá uma Têmis antes e outra depois do serviço de imigração. Agora, sem delongas, vamos ao dever. Venha comigo que vou lhe mostrar uma coisa.

Os dois oficiais deixaram o passageiro na área de espera reservada, também conhecida por eles como “frigideira”, enquanto faziam averiguações.

- Vamos dar um telefonema – sugeriu Balder.
— Para quem? – perguntou Têmis. – Para o Palácio de Buckingham? – completou com um tom irônico.
— Engraçadinha – disse Balder. – Não, para uma pessoa muito mais interessante.

Balder colocou a ligação no viva-voz para que Têmis pudesse acompanhar a conversa. Depois de alguns toques, uma mulher atendeu:

- Alô, mesa de assistência ao cliente, em que posso ajudar? – disse ela.

- Sou o oficial Balder e ligo da imigração. Você poderia colocar um anúncio no alto-falante para mim, por favor? – pediu o mentor.
- Claro – respondeu a senhora. – O que devo dizer?
- Por favor, pergunte se há alguém esperando pelo passageiro Felipe da Silva, vindo no voo PP8084 de São Paulo – pediu Balder à recepcionista. – E se alguém aparecer por aí, por favor, me avise que irei até você.
- Está bem, Sr. Balder.

Enquanto aguardavam pelo telefonema da mesa de assistência, os oficiais imprimiram todas as informações do histórico do passageiro, incluindo uma cópia do formulário de solicitação do visto de estudante que havia sido recusado e o motivo da recusa. O passageiro não fazia a menor ideia dos bastidores de toda a operação que transcorria, enquanto aguardava por essas verificações de segurança sentado na área reservada com outros que também “fritavam”. “Era como se fosse a preparação de uma peça teatral”, pensou Têmis: “Script, figurino, cenário, mas o futuro de uma pessoa dependia daquela produção no *backstage*”.

Durante a espera, Têmis se viu pensando no tempo em que almejava estar naquela posição. Recém-chegada ao Reino Unido, lá estava diante de uma fila interminável no caixa de um restaurante



de uma rede de *fast-food*. Não conhecia a moeda, a cultura, as pessoas, mas sabia que um dia estaria trabalhando no outro lado da rua. Sim, lá ficava o quartel-general do Ministério do Interior, bem em frente ao shopping onde trabalhava. Seu coração batia mais rápido toda vez que via um funcionário na fila com aquele crachá que mostrava o símbolo da Coroa Britânica. Gostaria também de, um dia, usar aquele crachá e, quiçá, trabalhar no aeroporto.

— Têmis, antes de fecharmos o restaurante, quero esses armários de metal brilhando – ordenou o gerente. – Quero que você veja sua cara branca refletindo nas portas.

Sete anos depois, aquelas palavras ainda lhe consumiam o ser. Sabia que o início não tinha sido fácil, mas aquela era a história de mais uma imigrante em terras distantes. Quando comentara com uma outra funcionária que um dia também usaria aquele crachá, foi ridicularizada e ouviu que imigrantes não chegavam àquelas posições no governo, pois eram simplesmente meros imigrantes. Esses pensamentos entristeceram-na momentaneamente, mas logo se lembrou de que três anos depois daquele difícil começo, Têmis passaria em um concurso público para o mesmo departamento governamental. Seria ainda convocada a apresentar-se bem ali, do outro lado da rua, no prédio que um dia tinha sido um oásis em sua imaginação.

No primeiro dia de trabalho no Ministério do Interior britânico, também conhecido por Home Office, achou que era apenas o local para seu treinamento. O gerente pediu que se dirigisse à sala de segurança para tirar a foto do seu crachá. Colocar aquele passe pendurado no pescoço trouxe a Têmis um sentimento animador e a certeza de que a justiça havia sido feita. Ainda trabalharia ali, naquele oásis, por mais quatro anos até chegar àquele momento em que se encontrava rememorando, no aeroporto. Naquele novo primeiro dia de trabalho, na hora do almoço, atravessou a rua e foi ao shopping. Passou em frente ao seu antigo local de trabalho e lá dentro pôde observar que tudo parecia como antes: as mesmas funcionárias que não acreditaram em seu potencial e o gerente que a tinha discriminado. Era como se o tempo para eles não tivesse passado.

Têmis teve um sobressalto com a mensagem que tocava no alto-falante:

— *Oficial Balder, por favor, dirija-se ao aquário, uma ligação o aguarda – dizia uma voz no alto-falante interno.*

Têmis lançou um olhar duvidoso para Balder, não acreditando que pudesse ser alguém da mesa de assistência ao cliente do lado de fora do terminal.

— *Sim, aqui é Balder – disse o oficial. – A namorada do Felipe? Estamos a caminho.*



— Vamos, vamos – disse Balder a Têmis, apressadamente, já pegando seu caderninho de entrevista e uma caneta sem tampa. – Guarde seu carimbo pessoal em seu armário. Não podemos passar com ele pela segurança para o outro lado do terminal.

Depois de saírem e, enfim, descerem para o primeiro andar pelas escadas rolantes, chegaram à mesa de assistência, onde uma jovem os aguardava.

— Bom dia. Somos da imigração e gostaríamos de saber se você está esperando por alguém – disparou Balder à mocinha, que aguardava do lado de fora.

— Sim, claro – respondeu ela. – Meu namorado se chama Felipe e está vindo para ficar uns seis meses comigo no Reino Unido. Eu estou estudando aqui, sabe, mas ele não conseguiu tirar o visto. Está tudo bem com ele?

— Está tudo ótimo com o Felipe – respondeu Balder. – São apenas umas perguntinhas de praxe – disse olhando para Têmis e anotando cada detalhe em seu caderninho. – Seu namorado sabe que você está aqui no aeroporto à espera dele?

— Sabe, sim – disse a menina.

— Felipe trabalha no Brasil?

— Não, ele está desempregado no momento, mas o pai dele ajuda de vez em quando.

- E como seu namorado pretende se manter aqui por seis meses? Afinal, é um longo período.
- Ele vai apenas me fazer companhia mesmo – respondeu a namorada de Felipe.
- Muito obrigada pela ajuda. Entraremos em contato caso precisemos de mais informações.

Aquele quebra-cabeças começava a ser montado, mas muitas peças ainda não haviam se juntado. Balder, todavia, não parecia ter dúvidas sobre o desfecho do caso. Ele se comportava como se já soubesse toda a história daquele rapaz. “Talvez seja sorte. Sim, era isso. Como era possível alguém olhar para um passageiro à distância e saber daquilo tudo?”

Voltando ao terminal, após terem ficado numa fila infernal atrás da tripulação da Air India, Balder e Têmis se dirigiram à área de chegada de passageiros e tiraram Felipe da frigideira.

- Só para desengargo de consciência, posso perguntar novamente ao passageiro o que ele veio fazer aqui? – questionou Têmis, ainda não aceitando o veredito daquele rapaz.
- Pergunte o que achar necessário, você é a oficial responsável por esse processo – disse Balder, encorajando Têmis. – Quando adquirir experiência nesse trabalho, verá que duas ou três perguntas geralmente serão suficientes para saber que tipo de passageiro está à sua frente.



- Está bem – disse Têmis, não muito convencida.
- Felipe, por favor, me diga novamente o motivo de sua visita ao Reino Unido.
- Turismo, vim ficar por umas duas semanas aqui para conhecer – confirmou o rapaz.
- Você tem passagem de volta para o Brasil?
— perguntou Têmis.
- Sim, tenho – disse Felipe tirando um papel amassado do bolso da calça jeans.
- E onde você vai ficar hospedado? – indagou a oficial.
- Em um albergue, mas só paguei a estadia por umas noites – disse o passageiro tentando convencer Têmis. – No caso de eu desejar ficar em outro lugar.
- Tá bom – disse Balder descrente. – O mesmo blá-blá-blá de sempre. Têmis, por favor, explique ao passageiro que, a partir de agora, ele está detido e que confiscaremos seu passaporte e bagagem para averiguações. Preencha o documento IS81⁶ que explica os parágrafos da lei que conferem esses poderes aos oficiais de imigração. Antes de o conduzirmos à detenção, entretanto, diga-lhe que precisamos olhar a bagagem dele.
- Felipe, precisaremos esclarecer mais dúvidas a respeito de sua vinda ao Reino Unido – explicou

⁶ Autorização para a detenção de passageiros para averiguações.

a novata. – Para isso, solicitaremos que aguarde em nossa sala de espera interna onde ficará mais confortável e poderá beber e comer alguma coisa. Antes disso, entretanto, precisaremos pegar sua bagagem. Quantas malas você trouxe?

— Duas – disse ele.

— Duas malas para passar duas semanas? – perguntou Têmis, achando estranho.

— Sim, não sei se está frio ou não, então, achei melhor trazer mais roupas caso precisasse – respondeu Felipe.

Os dois conduziram Felipe ao hall de bagagens, onde as malas do passageiro já circulavam sozinhas na esteira. Os demais ocupantes daquele voo já haviam passado pelo controle de imigração e recolhido seus pertences. A calma de antes voltava ao terminal, pelo menos até a chegada do próximo voo. O rapaz, entretanto, já deixava transparecer um certo desconforto por estar ali há tanto tempo.

Ao abrirem as malas, Têmis e Balder se surpreenderam com a quantidade de chocolate e presentes embrulhados que estavam enfiados nos longos bolsos da bagagem.

— Por questões de segurança, precisaremos abrir esses pacotes – explicou Têmis. – Por que traz presentes se não conhece ninguém aqui? – indagou.



- Humm... É... então – disse um confuso Felipe.
- Talvez eu encontre uma prima que mora na Europa – confessou, após uma longa hesitação.
- Sei – disseram os oficiais se entreolhando.

Após voltarem ao segundo andar do terminal, conduziram o passageiro à detenção ou, como Têmis preferia dizer, à “sala de espera”. Lá, os assistentes dos oficiais de imigração tirariam as impressões digitais e a foto dele. A biometria seria, então, inserida em uma base de dados que faria uma busca por todos os sistemas da imigração britânica no mundo. Seriam detectadas ali todas as informações acerca de possíveis adversidades no histórico daquele passageiro. Esses dados seriam coletados de todos os portos de entrada britânicos ou de departamentos de solicitação de visto em qualquer localidade do globo. Enquanto o processo de identificação estava em andamento, os dois oficiais se preparavam para entrevistar o passageiro. Já haviam passado os pormenores da situação ao chefe de imigração de plantão e terminado de colocar os dados de Felipe no sistema. Também tinham preparado o arquivo dele com todas as informações que haviam juntado até aquele momento, desde a chegada do passageiro, a entrevista inicial, achados na bagagem e observações feitas, até os dados da entrevista com Maria, a namorada dele.

- O procedimento padrão é o próprio oficial conversar diretamente na língua do passageiro. Isso somente é permitido se o oficial, como é o seu caso, Têmis, tiver a autorização e o reconhecimento linguístico dado pelo departamento de fronteiras – explicou Balder. – Entretanto, para facilitar a conversa entre todas as partes, utilizaremos um intérprete para que você não precise traduzir tudo para mim e fazer as anotações do caso ao mesmo tempo.
- Está bem, Balder – concordou Têmis.

Naquele momento, chegaram à sala de entrevistas da detenção, onde o passageiro já aguardava por eles. Era uma sala de tamanho médio. Têmis observou que havia uma máquina de refrigerantes e uma outra com aperitivos; havia também um telefone público e uma televisão, e, ao fundo, três salas de entrevista. Do lado de fora, dois guardas faziam a segurança do local. Eles eram responsáveis por tomar conta da segurança e, além disso, dar assistência aos passageiros. Registravam a hora de entrada e saída de todos, inclusive dos oficiais, e ofereciam refeições aquecidas no micro-ondas aos detentos que desejassem almoçar ou jantar ali na “salinha de espera”. Logo adiante, havia uma outra sala onde todas as malas dos passageiros que estavam detidos ficavam guardadas. Balder pediu que um dos



seguranças abrisse a porta para que Têmis observasse lá dentro.

- Aqui parece que as bagagens têm vida – brincou Balder.
- Como assim? – indagou Têmis.

Ao abrirem a porta, uma sinfonia de toques de aparelhos celulares os recepcionou. Certamente, eram ligações recebidas de parentes, amigos, namorados e patrocinadores que estavam do lado de fora e desejavam saber notícias. Aqueles que entravam em contato com a imigração recebiam o número do telefone público da salinha de espera e poderiam, somente assim, contatar seus entes queridos. Muitas vezes, longas horas se passavam até que esse contato se estabelecesse. Isso acabava por ajudar o trabalho dos agentes, que preferiam que seus passageiros falassem com aqueles que os esperavam apenas após a entrevista formal. O teste de credibilidade era fundamental para o trabalho de investigação dos oficiais, que comparavam as respostas dadas pelas partes envolvidas.

- Mas por que eles não podem ficar com seus telefones? – perguntou Têmis ingenuamente.
- A não ser que você queira seu rosto e identidade estampados ao vivo no Facebook ou no YouTube, não acho que seja uma boa ideia permitirmos *smartphones* lá dentro – disse Balder

dando uma gargalhada. – Permitimos que fiquem apenas com telefones que não possuam câmera. Todos os passageiros são revistados antes que entrem na detenção. Para verificarmos não apenas se carregam telefones, mas também se não esconderam nenhum objeto pontiagudo que poderia ser usado como arma contra um de nós.

— Nossa! – exclamou Têmis. – Não tinha pensado nessa possibilidade.

Até as canetas Bic eram amarradas à mesa e suas tampas removidas. Têmis entendeu o porquê de Balder sempre andar com suas canetas sem tampa. As mesas e cadeiras eram grudadas no chão e ao redor das salas de entrevista alarmes e circuito de TV interno tinham sido instalados para a segurança de todos. Balder contara a Têmis que certa vez um passageiro havia enfiado uma caneta na mão de um oficial.

— Felipe, por favor, nos acompanhe até a sala de entrevista – chamou Têmis. – Você se sente bem? Entende o intérprete? – indagou.

— Sim – respondeu o passageiro.

— Qual o motivo de sua viagem ao Reino Unido? – inquiriu Têmis.

— Eu já disse a você várias vezes! – respondeu ele, impaciente.



- Gostaria de perguntar novamente – insistiu Têmis. – Estamos entrevistando você formalmente. Tudo o que disser aqui será registrado em seu arquivo. Ao final da entrevista, faremos uma recomendação ao nosso chefe de imigração acerca da permissão ou da recusa de sua entrada. Gostaria de frisar que é crime mentir para um oficial de imigração. Fui clara?
- Sim – disse Felipe, agora mais comedido.
- Como eu ia dizendo, qual o motivo de sua visita ao Reino Unido? – Têmis repetiu a pergunta.
- Turismo.
- Quanto tempo pretende ficar aqui? – perguntou Têmis, enquanto anotava todas as perguntas e respostas na ficha dele.
- Duas semanas.
- Você conhece alguém que esteja presente no Reino Unido, seja britânico, seja cidadão de qualquer outro país?
- Não, ninguém – disse ele. – Vim sozinho e ficarei sozinho.
- E como você explica os presentes e chocolates que estão em sua mala?
- Como falei, são para minha amiga que mora na Europa e talvez venha me encontrar aqui.
- Amiga?! – admirou-se Têmis. – Enquanto estávamos olhando sua bagagem, você disse que

tinha uma prima na Europa. Ela é sua prima ou sua amiga?

— Ah, na verdade, é amiga, mas nos consideramos primos, pois crescemos juntos.

— Você já fez algum tipo de solicitação de visto para o Reino Unido ou qualquer país no mundo?

— Não – retrucou ele, enfaticamente.

— Tem certeza? – insistiu Têmis. – Você está categoricamente me dizendo que NUNCA fez um pedido de visto para o Reino Unido?

Têmis começou a concordar com Balder. Uma mistura de sentimentos lhe invadiu o corpo. Diante dela ali estava um ser humano como ela, vindo do mesmo país e mentindo de uma forma quase convincente. “Como pode uma pessoa mentir assim, descaradamente, sem pestanejar, e o pior, sem sentir o menor arrependimento?”, pensou Têmis. E ela, até aquele momento, acreditava que em algum ponto Felipe admitiria toda a história, que ele estava de fato vindo aqui para se encontrar com sua namorada que passaria aquele ano no Reino Unido como estudante.

— Então, resumindo, você está vindo para o Reino Unido, pela primeira vez no exterior, não conhece ninguém aqui, veio passar duas semanas para ver a casa da rainha, o relógio e a rua dos Beatles, é isso? - concluiu Têmis.



Antes que Felipe pudesse esboçar qualquer resposta fabricada, Têmis abriu o arquivo abruptamente e mostrou a ele as cópias do pedido de visto que fizera no Rio de Janeiro há menos de um mês. Mostrou também uma cópia de seu passaporte anterior e uma cópia do visto de sua namorada, Maria, que o esperava do lado de fora.

- E quem é Maria? – perguntou Têmis furiosamente. – E esse passaporte aqui? É seu sócia? E esse pedido de visto de estudante com sua assinatura, também não é seu? Olha, Felipe, desde o início eu defendi você, achei que me falaria a verdade quando viéssemos para a entrevista. Você é uma grande decepção.
- Bravo, Têmis – disse Balder orgulhosamente. – Acho que estamos diante da mais nova oficial de imigração do terminal. Desculpe-me se foi doloroso para você, mas, como ele, outros milhares virão.
- Eu não sabia que precisava falar que minha namorada estava aqui – explicou o passageiro. – Desculpe-me se não falei a verdade.
- Felipe, infelizmente sua entrada será recusada nesta ocasião – concluiu Têmis. – Como havia explicado no início de nossa entrevista, mentir para um oficial de imigração é crime. Além de sua entrada ser recusada, você será banido de

visitar o Reino Unido pelos próximos dez anos. Não se preocupe, avisaremos a Maria de nossa decisão. Informarei a ela nosso número de contato interno para que ela possa ligar para você, caso deseje.

- Você pode entregar os presentes que eu trouxe à minha namorada? – pediu o passageiro.
- Infelizmente, por motivos de segurança, isso não é permitido – explicou Têmis. – Faremos os ajustes necessários com relação à sua passagem de volta e você retornará ao Brasil no próximo voo disponível. Após conversarmos com nosso chefe de imigração, entraremos em contato. Se entendeu tudo, por favor, assine aqui, no final das anotações de sua entrevista. Até mais tarde.

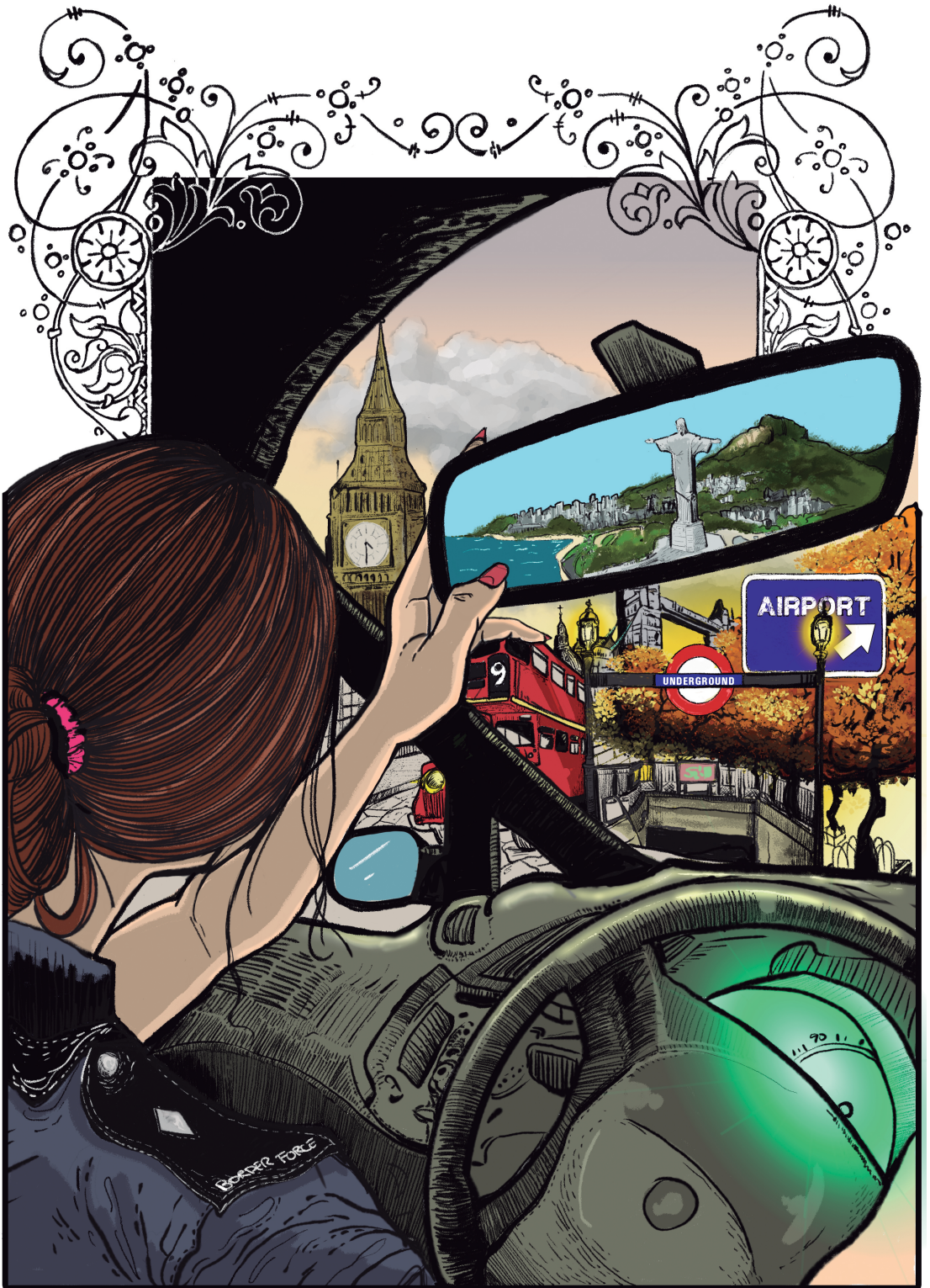
Têmis e Balder saíram da sala a fim de cuidar de toda a papelada burocrática para removerem o passageiro. Passaram o resumo da entrevista ao chefe de plantão, depois ligaram para a companhia aérea para informar que um passageiro recusado retornaria no voo daquela noite ao Brasil. Mesmo que o voo estivesse lotado, um passageiro recusado tinha sempre prioridade e a companhia precisaria tirar um cliente pagante para levar o detento. Muitas vezes isso causava um certo mal-estar entre os funcionários da companhia aérea e os oficiais de imigração.

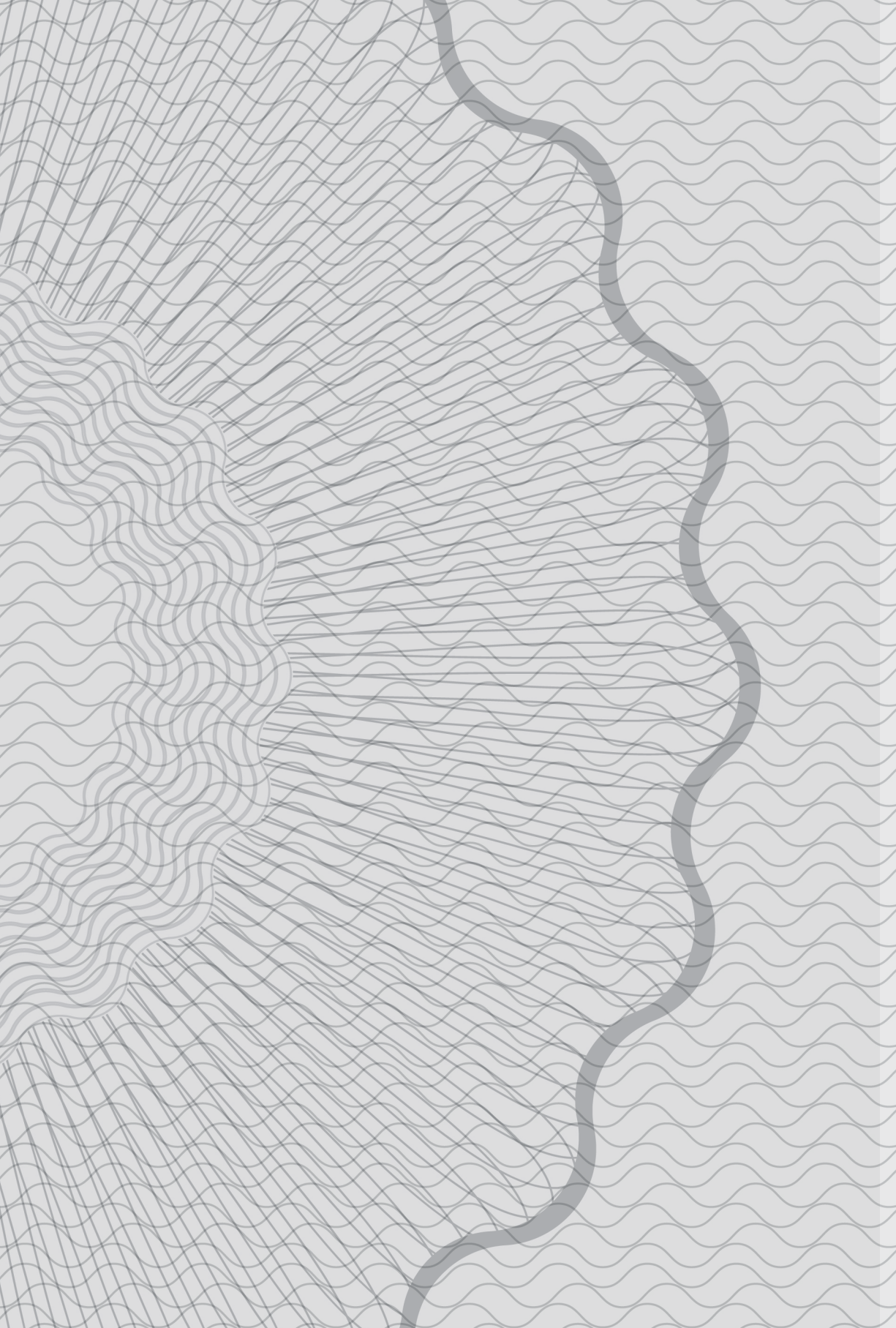


Entretanto, eram obrigados por lei a levar o passageiro. Esse era o principal motivo pelo qual as companhias aéreas exigiam que passageiros tivessem bilhetes de ida e volta, salvo se possuíssem um visto válido de entrada para o Reino Unido.

Já em seu vestiário, Têmis retirou as insígnias do uniforme e as colocou em seu armário, junto a seu carimbo pessoal. Seu primeiro turno chegava ao fim e, embora ciente de que tinha cumprido seu dever, não deixava de pensar um pouco em Maria, que agora, sozinha, retornava para casa. Felipe, em contrapartida, estava a caminho do Brasil, tendo conhecido apenas o aeroporto de Londres, e voltaria à mesma vida de sempre e com apenas uma certeza: nem tão cedo poderia visitar a casa da rainha, o relógio e a rua dos Beatles.







CAPÍTULO 2

A Cachoeira de Esmaltes



Centenas de passageiros surgiam ao mesmo tempo no terminal. Era uma aglomeração de recém-chegados, seguranças correndo de um lado para o outro, um anúncio intermitente no alto-falante que se misturava ao barulho ensurdecedor das pessoas gritando e tentando se comunicar em diferentes línguas. Parecia o retrato de uma terra sem lei, não havia ordem, só medo e incertezas. E agora, como ficaria a segurança do país? A economia não estaria protegida, faltariam vagas de emprego para todas as pessoas que estavam tentando entrar. E os serviços públicos? Entrariam todos em colapso! Não teríamos leitos suficientes nos hospitais, vagas nas escolas, efetivo de policiais para conter a violência desenfreada que certamente entraria em erupção em nossas ruas. O caos seria inevitável. Sem trabalho, não haveria dinheiro, sem dinheiro, não poderiam comprar comida e nem teriam uma casa para morar. Haveria tumulto, as pessoas invadiriam os supermercados para roubar comida. Famílias dormiriam nas ruas.

— Olhem! Eles estão abrindo os portões! Vocês não podem entrar assim. Não há vistos para todos. Não, não! Balder, Balder, Balder!

Do lado de fora, a chuva caía forte e batia contra a janela do quarto de Têmis. Sua respiração era ofegante e a pele transpirava muito. Ela olhava para

o teto, os olhos ainda se ajustavam à escuridão do ambiente, que era interrompida apenas pelos raios e trovões do lado de fora. Sentou-se e percebeu que tudo não havia passado de um pesadelo. Aliviada, tentou olhar as horas. Eram 2h22 da manhã. Desde que começara a trabalhar no aeroporto que Têmis acordava todas as noites naquele mesmo horário. Insônia? Seriam os horários de plantão os responsáveis por essas mudanças em seu ritmo circadiano? Será que teria feito algo errado?

Não, ainda estava com seu mentor. “Balder, o supervisor impecável”, lembrou. Havia notado que ele era um homem muito bem cuidado. Um tipão, como diria sua avó. Sempre perfumado e de barba feita. Tinha os cabelos pretos e os olhos azuis mais profundos que havia visto, mais ou menos 1,80 m de altura e um corpo escultural. Ele levava seu uniforme todos os dias pendurado em um cabide, para que não amassasse no trajeto para o trabalho. Os sapatos, parecia que havia acabado de comprar, pois estavam sempre lustradíssimos. Tinha fala macia, mas as palavras cortavam como uma navalha afiada. Saíra da escola direto para o serviço de imigração. Vinte anos depois, agora aos trinta e oito anos, era um dos oficiais mais experientes do aeroporto. Têmis quis saber por que não se candidatara a uma das vagas para a chefia, já que possuía tanto conhe-



cimento. O supervisor impecável lhe explicara que gostava de pôr a mão na massa. Não se via dentro do aquário supervisionando outros, ficando longe da ação. Não conseguiria dirigir a cena, queria ser o ator principal. Gostava também de treinar novos oficiais e dizia que precisava multiplicar os ratos da imigração com o perfil dele.

“Minha nossa! Já são 4h da manhã! Pego às 6h!”, pensou Têmis preocupada.

Pulou da cama e, depois de um rápido banho, já seguia rumo ao aeroporto. Morava a quase 130 km do trabalho. Comprara aquela casa no interior da Inglaterra um ano depois de ter chegado ao Reino Unido, mas o peso do caminho diário na estrada já começava a ser sentido por Têmis, que demonstrava os primeiros sinais de cansaço: “Talvez tenha sido a noite mal dormida”, pensou ela em voz alta, tentando disfarçar o sono. Lembrou que não havia passado em seu teste de motorista há muito tempo. Perdera sua melhor amiga em um acidente de trânsito em 1997 no Rio de Janeiro e, por isso, Têmis, até então, não tinha conseguido pegar em um volante para dirigir e achava que nunca conseguiria esse feito. Não sabia o quanto estava longe da verdade. Assim que passou no concurso de oficial de imigração, sabia que seus dias utilizando transporte público estariam contados. “Como poderia cumprir seus diver-

“... e os plantões a não ser que dirigisse?”, questionou. Quando começou a frequentar o curso de formação de oficiais, matriculou-se também na autoescola. Nunca mais se esqueceu de sua primeira aula com um instrutor inglês.

— Têmis, aqui estão o volante, a embreagem, o freio e o acelerador, Ok?

“Esse cara só pode estar de brincadeira”, pensou.

— Sim, claro. Onde está a chave? – indagou ela.

— Está aqui.

— Ah, sim. Então, por onde eu passo a mão para ligar essa joça? Por dentro do volante? Por fora do volante?

— Como assim, Têmis? – perguntou o instrutor espantado. – Claro que você sabe que é por fora, não é?

— Sim, claro! – respondeu Têmis. – É que eu tenho seis semanas para aprender. É quando termina meu treinamento e depois terei que dirigir até meu trabalho.

Lembrou-se de que tinha tomado pau na primeira tentativa do exame prático e teve que encarar a turma de oficiais na volta do teste.

— E aí, Têmis, passou?

Têmis só fez um sinal de que tinha se ferrado. Não tinha conseguido passar à quinta marcha na estrada. “Que derrota”, pensou. A marcha do carro do



instrutor estava travando e bem no dia do seu teste o troço resolveu emperrar de vez. Têmis chegou à conclusão de que precisava comprar um automóvel. E foi aí que a situação ficou mais cômica ainda. Chegou à concessionária para comprar um veículo novo. A vendedora explicou o procedimento e Têmis escolheu o modelo. Queria um carro que fosse econômico. A senhora sugeriu a ela que comprasse o então último modelo do Peugeot, o 308. Era potente, econômico e confiável. Era exatamente o que Têmis precisava, pois não queria passar a noite na estrada com um carro quebrado. Na hora de assinar a papelada, a vendedora lhe pediu a carteira de motorista.

- Ah, sim, claro. A minha carteira será emitida mês que vem – disse Têmis.
- Como assim? A senhora perdeu a carteira anterior? – perguntou a vendedora.
- Não perdi, não. Nunca tive carteira de motorista na vida, mas isso é só um detalhe. Mês que vem vou passar no teste prático e terei a carteira.

Um silêncio constrangedor pairou no ar. Têmis era tão confiante que não percebia o tamanho do absurdo que tinha acabado de dizer. Estava prestes a comprar um carro zero e nem carteira de motorista tinha. Não passou na primeira tentativa da prova prática e não sabia, na verdade, de quantas tentativas precisaria para passar e se, efetivamente,

passaria! Alguns segundos se passaram e finalmente a vendedora se pronunciou. Provavelmente tentava digerir tamanho absurdo: vender um carro para uma louca que ainda nem carteira tinha.

— Se a senhora não se importar, eu tenho que falar com meu gerente.

Alguns minutos depois, ela voltou dizendo que estava tudo certo, mas que Têmis precisaria estar acompanhada por alguém que possuísse uma carteira de motorista há pelo menos três anos. Ela respondeu que não haveria problema e o assunto se deu por encerrado. Na vida de Têmis tudo acontecia assim, meio que sem planejamento. Ela simplesmente resolvia os problemas que apareciam e não perdia muito tempo pensando no que poderia dar errado. “Afim, qual a pior coisa que poderia acontecer?”, perguntou a si mesma. “Não passar novamente e ter que aguentar o instrutor por mais três semanas e a zoeira dos oficiais pelo mesmo período!” Precisava passar de qualquer jeito!

— Tudo bem, Têmis? – perguntou Balder, ao vê-la tomando um café do lado de fora, na zona de desembarque internacional do aeroporto.

— Sim, tudo, apesar de umas cenas apocalípticas com as quais sonhei durante a noite passada – respondeu com uma risada. – Deixa para lá. Espere aí, já estou terminando meu café.



Os dois caminharam para o “lado ar”⁷ do terminal depois de passarem pela segurança. Assim que chegaram ao aquário, precisaram assinar o livro de presença. Na verdade, não era uma assinatura, mas uma carimbada que cada oficial precisava deixar no registro. Era nessa hora que alguns desavisados levavam uma reprimenda do chefe de plantão, principalmente às 6h da manhã, quando o sujeito já tinha feito o plantão da noite e estava doido para chutar o primeiro cachorro morto que desse uma carimbada com a data errada. “Já vi gente carimbando o ano de 1008, em vez de 2008. Naquela época, Cabral nem pensava em descobrir o paraíso do Brasil e seu farto ouro. Às vezes penso se os Tupiniquins teriam dado melhor destino à *Terra Brasilis*”, pensou. O Brasil sofreu um massacre com a invasão dos europeus para fins de exploração por muitos anos e sente até hoje os efeitos colaterais do açoite. Os nativos pouca resistência ofereceram ao branco que, além das doenças que levaram consigo em suas gigantescas embarcações, escravizaram, torturaram e impuseram sua cultura aos povos que lá habitavam. O fato mais curioso que ocorreu foi quando os portugueses proibiram a entrada de estrangeiros no Brasil durante o período colonial. Apenas a partir de 1808, às vésperas da independência do Brasil, que o flu-

⁷ O lado ar de um aeroporto corresponde à área de movimento de um aeródromo cujo acesso é controlado.

xo de europeus com o propósito de povoamento se acentuou e o país recebeu portugueses, espanhóis, suíços, alemães, ingleses, italianos e, mais tarde, os japoneses. A pátria amada Brasil era uma mãe gentil aos filhos daquele solo, fossem eles natos ou que o adotassem, a fim de prosperar no Novo Mundo ou para trabalhar no cultivo de suas imensas lavouras de café. No século XXI, o fenômeno oposto era observado, mas os europeus que outrora tinham feito o caminho para lá não aceitavam o caminho para cá dos que emigravam para a Europa, brasileiros estes que agora eram o resultado de uma mistura, em grande parte, de indígenas, brancos europeus e negros.

- O voo da Air France está em aproximação. Todos a postos – alertou o chefe de plantão.
- Balder, os chefes estão sempre de mau humor? – perguntou Têmis.
- Não, nem sempre. A grande maioria coloca uns escravos de plantão no aquário e vai dormir lá atrás. Os miseráveis só acordam um pouco antes de os plantonistas das 6h chegarem. O “Mestre dos Magos” está enfezado porque é um dos poucos que têm responsabilidade e ficam acordados durante a noite. Ele entrevista até passageiro quando está bastante movimentado. Trabalhe direito e você nunca conhecerá o lado “Vingador” dele – advertiu Balder.



Os passageiros começaram a chegar e a maioria deles passou rapidamente pelo controle destinado aos europeus. Alguns poucos formaram uma pequena fila na área de atendimento aos viajantes de outras nacionalidades. Balder logo anunciou que a posição deles já estava aberta.

— Balder, mas eu ainda nem entrei no sistema!
— reclamou Têmis.

— Não tem problema. Nós não esperamos, quem espera são eles! – retrucou Balder.

Nesse momento, uma senhorinha que aparentava ter seus 65 anos de idade se aproximou deles.

— Bom dia. Não falo inglês – disse ela educadamente.

— Sem problemas, senhora. A minha supervisora aqui fala português – disse Balder apontando para Têmis.

Balder era fluente em italiano e arranhava no mandarim, um ótimo agente para se ter por perto, pois, além do conhecimento e experiência inquestionáveis, era um linguista de mão cheia.

— Fui promovida, Balder? – perguntou Têmis, com um ar brincalhão.

— Ainda não, Têmis – respondeu Balder. – Digo isso, pois prevejo que você está prestes a se sensibilizar com a passageira por causa da idade dela, não é? – continuou. – Pois saiba você que

a regra número 1, todos aqui são mentirosos, vem com um segundo parágrafo. Regra número 2: a idade do passageiro não significa nada.

— Quando você fala assim, eu fico até assustada – comentou. – Passaporte, por favor – solicitou Têmis.

— Sim, claro. Você quer minha passagem de volta? – perguntou a senhorinha. – E o seguro de viagem? Eu também tenho seguro de viagem. A minha filha está me esperando lá fora. Quero muito ver minha netinha, mas ela deve estar indo para a escola com o pai.

— Dona Ângela, só o passaporte por enquanto, obrigada. A senhora vai ficar quanto tempo aqui? – perguntou a oficial.

— Está na passagem, minha filha – disse a passageira.

— Mas a senhora não sabe quanto tempo vai ficar, mais ou menos? – indagou Têmis achando esquisito.

— Sim, sim, uns dois, três meses... O de sempre, minha filha.

Têmis examinou o passaporte e percebeu que a passageira fazia essa mesma viagem todos os anos, sempre no verão. Nos últimos cinco anos, ela possuía um único carimbo de entrada para cada ano que visitou a filha.



- A senhora vem para o Reino Unido todos os anos? Quem mora aqui? – perguntou a agente.
- Sim, venho todos os anos ficar com minha filha e a família dela. Fico uns meses e depois volto para casa.
- Têmis, pergunte se a filha dela trabalha aqui. Provavelmente não, pois tem uma filha em idade escolar. Se for o caso, gostaria muito de saber se é o genro quem paga pela passagem aérea todos os anos para a sogra. Essa eu estou curioso para saber – disse Balder.
- Balder, mais respeito com a senhora – pediu Têmis. – E você acha mesmo que, nessa idade, ela ainda vai trabalhar? – Têmis se surpreendeu com a desconfiança de Balder.
- Têmis, mantenha o foco.
- Dona Ângela, a sua filha faz o que aqui na Inglaterra? Ela trabalha? – perguntou finalmente Têmis.
- Não, não. Minha filha é dona de casa – respondeu a senhora. – Somente o marido dela trabalha.
- Bingo! – disse Balder. – Têmis, e você ainda acha que uma pensionista tem dinheiro para custear uma viagem internacional todos os anos? – indagou Balder. – Coloca ela para fritar!

— Como? Para quê, Balder? – perguntou a oficial, ainda sem entender.

— Vamos dar uma olhadinha na mala dela – comandou Balder.

Os oficiais foram até o aquário informar ao chefe o que tinha acontecido até aquele momento e o motivo da intervenção. Conduziram posteriormente a passageira até a área de recolhimento das bagagens.

— A senhora trouxe quantas malas? – questionou Têmis.

— Três malas, moça – respondeu a senhorinha achando aquele questionamento estranho, afinal de contas, ela viajava todos os anos e nunca tinha sido parada e muito menos tinha passado por tal constrangimento.

Balder gostava de vistoriar as malas ele mesmo. Enquanto olhava a primeira, Têmis e uma assistente examinavam a segunda. Têmis teve dificuldade para abrir a mala que iria inspecionar, pois esta estava muito cheia, provavelmente com o volume acima da capacidade da bagagem.

— Acho que consegui abrir – disse Têmis aliviada.

Assim que a oficial abriu a mala, uma enxurrada de vidros de esmalte saltou para fora, descendo para a mesa e finalmente se espatifando no chão. Têmis não teve reação, não conseguiu impedir que aquelas centenas de vidrinhos caíssem.



- Mas o que temos aqui? – indagou espantada Têmis.
- São esmaltes, minha filha – respondeu a senhora, sem saber onde enfiava a cara.
- Que são esmaltes, eu sei, Dona Ângela – retrucou Têmis. – A pergunta é: por que a senhora precisa de tantos em uma viagem a turismo? – inquiriu Têmis.
- Eu gosto de pintar as unhas – respondeu desconcertada.

Têmis olhou para Balder sem saber o que pensar sobre aquele disparate. Balder retribuiu o olhar para ela com aquela mesma expressão que lançara quando foi buscar o passageiro que preenchia o cartão de chegada no final do salão. Sabe aquele olhar de quem descobriu quem pegou o último suspiro do pote? Infelizmente, vários vidrinhos de esmalte se partiram formando um arco-íris de tinta no chão. Os oficiais fecharam as malas e acompanharam-na até a detenção. Após os procedimentos padrão, a senhorinha ficou descansando, enquanto os oficiais examinavam os achados nas malas e faziam outras averiguações.

- Vou dar uma olhadinha no Facebook, o que você acha, Balder? – perguntou Têmis.
- Acho uma ótima ideia, é bem por aí – elogiou Balder, encorajando Têmis.

Outros colegas de trabalho observavam à distância. Uns se aproximavam e jogavam piadinhas direcionadas aos dois.

— Têmis, o que o Balder está te ensinando? Não sabíamos que agora questionavam velhinhas que vêm visitar suas netinhas.

— Balder, olhe isso – disse Têmis, ainda não acreditando no que acabara de ver. – As pessoas são mesmo umas caixinhas de surpresas. Justamente de onde menos esperamos, onde achamos impossível algo dar errado, é que descobrimos informações inacreditáveis – comentou Têmis, atônita.

Em uma página de rede social da passageira, estava o seguinte anúncio:

“Olá, minhas queridas clientes. A Ângela está de volta a Londres, dessa vez trazendo lançamentos e cores novas para suas mãos de fadas. Façam seus agendamentos através do número 07987654321. Estou com ofertas incríveis! Para mais informações, enviem mensagens inbox.”

— Têmis, por favor, verifique se esse celular é o mesmo que ela deu como contato para a filha aqui em Londres – pediu Balder.

— O mesmo, Balder! – respondeu Têmis, boquiaberta. – Balder, quando crescer quero ser igual a você – brincou ela.



Têmis começou a cogitar se um dia chegaria ao nível de Balder. Ele fazia tudo parecer tão óbvio, tão fácil. Começava a sentir ali um certo alívio que o conhecimento sobre a nova função lhe proporcionava, mas não sabia ainda se sentiria prazer ao desempenhar aquela árdua e, por vezes, desafiadora tarefa como o seu ganha-pão. Era difícil prever se saberia lidar com aquela energia negativa: a energia de um sonho desfeito, de uma mentira descoberta, de uma rejeição sofrida pelo desafortunado passageiro. A dor causada por uma ferida exposta por ela; estaria interferindo no destino de uma pessoa, apesar de ter respaldo nas leis para tal. Não eram apenas vidros de esmaltes despedaçados ao chão. Eram também sonhos que se desintegravam e se misturavam às cores do arco-íris. Decidiria se aquele passageiro poderia ter uma chance de melhorar sua vida ou se voltaria para o lugar de onde veio. Sabia que era um trabalho importantíssimo e que precisava ser feito, afinal, existem vários propósitos para o controle de imigração em um país, dentre eles a proteção da economia e dos serviços públicos, a segurança nacional, a prevenção de crime e da entrada ilegal de mercadorias, para citar alguns. O que parecia algo inocente, como a entrada temporária para um trabalho sem permissão, iria muito além de apenas um dinheirinho que aquela pessoa receberia. Aque-

le trabalhador informal estaria ocupando o lugar de uma pessoa vivendo legalmente no país, além de não estar pagando impostos que seriam, mais tarde, revertidos para o uso público. Se houvesse crescimento na oferta do trabalho ilegal, haveria, em contrapartida, uma redução salarial, pois os consumidores procurariam pelos preços mais baixos para os serviços que desejassem contratar. Parecia insignificante se apenas uma pessoa fosse levada em consideração, mas o impacto era muito diferente em um modelo em grande escala.

- Olá, boa tarde, aqui é a oficial Têmis, falo com a senhora Amanda?
- Sim, a minha mãe está bem? – perguntou a filha da passageira, que esperava no lado de fora.
- Sim, ela está bem. Precisamos fazer algumas perguntas a respeito da vinda da Dona Ângela para o Reino Unido, tudo bem? – inquiriu Têmis.
- Sim, claro, mas tem algo errado? Por que ela foi parada? – perguntou a filha da passageira.
- Por enquanto, estamos apenas solicitando mais informações – disse Têmis. – Por quanto tempo sua mãe ficará no Reino Unido?
- Por seis meses. Ela sempre vem e fica aqui durante esse tempo e nunca tivemos problemas.



- Quem pagou pela passagem da Dona Ângela?
- Ela mesma, usando a aposentadoria que recebe no Brasil.
- Quanto ela recebe de aposentadoria mensalmente? – perguntou Têmis.
- Em torno de R\$ 600,00 por mês, mas nós pagamos pela comida e a estadia dela aqui.
- A senhora trabalha? Qual seu *status* no Reino Unido?
- Eu não trabalho, pois tenho uma filha de cinco anos que está na escolinha. Sou casada com um europeu – respondeu a filha da passageira.
- Ok, muito obrigada, Sra. Amanda. Entraremos em contato novamente se precisarmos.
- Mas por quanto tempo ainda vão ficar com minha mãe? Ela deve estar cansada. É uma senhora e está viajando desde ontem.
- Sabemos disso, Sra. Amanda. Sua mãe está bem, obrigada – disse a oficial de imigração desligando o telefone em seguida.
- Você consegue entender o problema, Têmis? – perguntou Balder. – A passageira ganha um pouco mais de £ 100.00 por mês, provenientes de sua aposentadoria. Ela não teria condições de comprar uma passagem aérea internacional todos os anos e ainda se manter no Brasil com esse rendimento. Então, no caso dela, já

que a filha não trabalha, seria justo chegarmos à conclusão de que a Dona Ângela precisaria trabalhar aqui para conseguir pagar por essas despesas, pois não teria como viajar por tanto tempo todos os anos. A lei que abrange os visitantes proíbe o trabalho, pois estamos justamente, dentre outras coisas, protegendo nossa economia – explicou Balder. – Você já sabe qual será o desfecho do caso, mas antes de chegarmos a uma conclusão, precisaremos entrevistá-la formalmente.

“A realidade dos imigrantes econômicos é avassaladora”, refletiu Têmis. “Em um país desenvolvido poderíamos concluir que uma pessoa aposentada poderia, de fato, aproveitar a terceira idade sem ter que se preocupar com sua situação econômica, em como pagaria seu aluguel, pois já teria sua casa própria, em como custearia sua conta médica, pois o Estado cuidaria de sua saúde, ou como pagaria por sua alimentação e gastos gerais, pois suas contribuições, retiradas na fonte ao longo dos árduos anos trabalhados, seriam suficientes para cobrir esses gastos. Essa realidade está muito longe do ideal em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil”, concluiu.

— Olá, Dona Ângela, estamos aqui para entrevistá-la formalmente. Faremos algumas perguntas



a respeito de sua vinda para o Reino Unido. Alertamos que é crime mentir para oficiais de imigração. Após a entrevista, passaremos seu caso ao nosso chefe e, então, decidiremos se a senhora poderá entrar no país. A senhora se sente bem? Entende o intérprete?

- Sim, entendo. Só não sei por que estou aqui – disse a passageira.
- A senhora está aqui, pois não acreditamos que era uma turista de verdade e é por isso que precisamos fazer mais perguntas. Qual o motivo de sua vinda ao Reino Unido?
- Como eu disse à moça anteriormente, vim visitar minha filha, neta e genro.
- Por quanto tempo a senhora veio a passeio? – indagou a oficial.
- Isso depende – respondeu Dona Ângela. – Às vezes fico quatro, cinco ou seis meses, mas nunca fiquei aqui por mais de seis meses, pois sei que esse é o máximo permitido.
- A senhora faz o que no Brasil? Trabalha? É aposentada?
- Sou aposentada e vivo com meu filho. Meu marido já é falecido.
- Sinto muito – lamentou a agente. – Por que seu filho não acompanhou a senhora nessa viagem?

- Ah, porque ele não tem como pagar pela passagem. Está desempregado no momento, sabe. A vida no meu país está bem difícil.
- Se está difícil, Sra. Ângela, como consegue comprar uma passagem aérea todos os anos?
– inquiriu Têmis.
- Eu junto um dinheirinho aqui e ali e minha filha também me ajuda – explicou a passageira.
- Mas sua filha nos disse que não trabalhava. De onde ela tira esse dinheiro para ajudá-la?
- Isso eu não sei, não. Acho que o marido dela também ajuda.
- A senhora trabalha aqui no Reino Unido?
- Imagina, minha filha. Eu não falo inglês.
- Nós encontramos uma grande quantidade de esmaltes, além de um conjunto de manicure em sua mala. Por que a senhora está trazendo esses objetos em uma viagem de turismo?
- Foi como disse, eu gosto de fazer minhas unhas e aproveito e faço também as de minha filha e das amigas dela.
- Nós encontramos esse anúncio em seu Facebook. A senhora escreveu esse *post*? – perguntou Têmis, mostrando uma cópia da página pessoal que imprimira do perfil da passageira.
- Escrevi sim – confessou ela.
- A senhora sabe que, como turista, não tem



permissão de trabalho, não é? Todos os anos que vem ao país, nós carimbamos seu passaporte como visitante e nesse carimbo constam as informações de que o trabalho e a solicitação de benefícios são proibidos. Infelizmente, sua entrada será recusada nessa ocasião, Dona Ângela. Lamentamos muito. Avisaremos a sua filha que a senhora retornará para seu país de origem no próximo voo.

- Mas... eu não poderei ver minha neta?
- Infelizmente, não – respondeu Têmis.
- Mas nunca mais poderei voltar? – perguntou a passageira.
- Se suas circunstâncias mudarem, a senhora poderá solicitar um visto de turista no Brasil – explicou a oficial. – Se entendeu tudo, por favor, assine aqui, ao final do registro desta entrevista.

Os oficiais deixaram a área de detenção e foram em direção ao escritório para, mais uma vez, organizarem a remoção de outro passageiro. Têmis pensou que os dias se tornariam mais fáceis, mas aquela recusa a entristecera muito. Ficou pensando nos momentos entre avó e neta que acabara de arruinar. No abraço que aquela mãe jamais daria em sua filha. Ficou pensando na possibilidade de alguma coisa

acontecer àquela senhora e essa teria sido a última oportunidade de um encontro em família.

— Têmis, você está se saindo muito bem! – disse Balder, tentando animá-la. – Você viu como conduziu a entrevista com confiança? Você está pronta para desempenhar seu trabalho sozinha. Seu estágio supervisionado termina no final da semana.

— Obrigada, Balder, mas eu não consigo parar de pensar na família dela – lamentou Têmis.

— Eu sei, Têmis, mas ninguém disse que este trabalho seria fácil. Infelizmente, ele precisa ser feito e você está desempenhando sua função muito bem. Agora, vamos correr, pois o voo de volta ao Brasil sai daqui a duas horas e temos muito a fazer.

— Está bem, você está certo, Balder.

Têmis se apressou, pois não queria perder o próximo ônibus de funcionários que a levaria ao estacionamento. Queria logo pegar a estrada antes de o trânsito começar a ficar intenso na M25. Retirou sua bolsa do armário e correu para o ponto de ônibus com Balder. Chegava ao fim mais um dia de trabalho. Era a carreira perfeita para quem não gostava de rotina. Não existia um dia como o outro. Nunca se sabia que história seria contada pelo



próximo passageiro que aterrissaria nas mesas dos oficiais, mas era preciso que estivessem preparados para isso. Afinal, como dizia Balder, o ônus da prova da inocência estava com os passageiros. Em direito criminal, o Estado teria que provar, sem sombra de dúvidas, a culpa do réu. No serviço de imigração, segundo Balder, todos os passageiros eram mentirosos até que provassem o contrário.





